

Filosofia da arte

Problema: definição da arte

- estética: do grego "aesthetikos" → percepção dos sentidos, é ligada à relações com objetos belos
- arte: do latim "ars" → técnica, distingue-se das outras atividades humanas. Duas perspectivas:
 - é uma subdivisão da estética;
 - é independente da estética (podemos fazê-la sem procurar o belo)
- a arte é o modo de produção de beleza ou, pelo menos, de algo que possa fixar a nossa atenção e a nossa sensibilidade estética, seja isso considerado belo ou não (é algo que nos inspira / motiva)

Condições da obra de arte:

é muito difícil definir arte perante a diversidade de obras no âmbito de cada uma das suas formas (pintura, música, literatura, teatro, escultura, etc); mas que critérios podemos ter para que algo seja considerado arte?

- ser uma produção humana (exclui-se os objetos naturais como o critério de beleza)
- ser fonte de prazer sensível (aquele que está perante uma obra de arte tem que ter fruição estética)
- corresponder a uma forma estética satisfatória (harmonia)
- ser sensível a um público
- aberta (variedade de interpretações)
- ter algo de original e único

nota: nenhum destes critérios faz referência à beleza - um objeto não tem que ser belo para ser incluído em arte

Teorias da arte

duas teorias

- teorias essencialistas: teorias que defendem a existência de propriedades essenciais ou intrínsecas comuns a todas as obras de arte e que apenas se encontram nas obras de arte

(admitem que há algo que não muda independente da forma de arte).

• não essencialistas: teorias que defendem a impossibilidade de definir a arte a partir de um conjunto de propriedades essenciais ou intrínsecas, apresentando definições que assentam em propriedades extrínsecas e relacionalis.

Como obtemos um significado único e universalmente aceite de arte?

Ao longo da história da arte e filosofia foram surgindo vários critérios, traduzidos em diversas teorias

A dificuldade de encontrar a tal que é universalmente aceite encontra-se associada à proliferação de manifestações artísticas e objetos que, muitas vezes, levantam sérias dúvidas quanto ao seu valor estético:

- 4'33" → John Cage
- Marcel Duchamp e o seu urinol

Teoria da arte como Imitação

a teoria da arte como imitação teve, entre os seus defensores, Platão e Aristóteles

• Platão: considera que a imitação é uma mera criação de imagens - o artista produz algo que copia um determinado objeto, o qual, por sua vez, é uma apariência. Platão é dualista, ou seja, defende a existência de dois mundos, neste caso, o mundo inteligível e o sensível, com efeito, Platão considera que a verdadeira essência do objeto se encontra no mundo inteligível (mundo das ideias ou formas), sendo o objeto, situado no mundo sensível, uma imitação da sua essência; então, ao imitar a natureza (reproduzindo os objetos), o artista está a imitar uma imitação. Nesta perspectiva, o artista está a afastar-se cada vez mais da realidade, logo este é desvalorizado por Platão (os artistas não têm lugar pois dão uma ideia distorcida da realidade) - carácter ilusório da arte

• Aristóteles: a arte é também uma imitação, mas não tem

caráter ilusório mas tem um efeito catártico (é uma imitação mais harmoniosa da realidade). Além disso, para Aristóteles, as artes distinguem-se entre si pelos meios usados para imitar, pelos objetos que imitam e pelo modo de imitação desses objetos.

Assim, segundo esta conceção, o propósito da arte é imitar e reproduzir os objetos, as pessoas e as ações tal como eles existem objecções:

- segundo Hegel, esta teoria reduz a arte a uma caricatura do vida, que serve muito para mostrar a habilidade técnica do artista e não para nos oferecer um produto criativo.
- muitos dos objetos e das criações humanas que são reconhecidos como arte não se reduzem a meras imitações. Por isso, se excluirmos da arte ou, se estamos dispostos a considerá-la como arte, teremos que recusar a teoria da arte como imitação: imitar é então uma condição necessária (mas não suficiente).
- muitos autores consideram que a verdadeira arte é uma transfiguração do real (mesmo da arte mais vulgar à mais bonal). Através da imaginação, da sensibilidade e da inteligência, o artista transfigura o real e a percepção imediata, criando novas formas, nas quais se encontra a sua marca pessoal.
- esta teoria acaba por inferiorizar o belo artístico relativamente ao belo natural, reduzindo-se a arte a uma técnica de reprodução do real; ao contrário do que acontece dentro da perspetiva da arte como transfiguração da realidade.

Numa tentativa de melhorar esta teoria, surge a:

Tearia da arte como Representação

A arte é, mais do que imitação, uma representação.

Ora, se toda a imitação é representação, mas nem toda a representação é imitação, esta perspetiva faz com que o conceito arte se aplique a obras que a teoria da imitação exclui (o objeto representa alguma coisa, mas não a está a imitar → mais abrangente).

objecções:

• queres que o espectador a experimentar sentimentos
• une pessoas nos mesmos

• Trans...

- há diversas obras de arte que não são consideradas representações, no âmbito da arquitetura, da música (só estudo da música instrumental), da pintura, da poesia, da fotografia, etc
- muitas vezes, o objetivo das obras é provocar determinadas experiências visuais ou auditivas e não representar seja o que for ("4'33" - não imita, nem representa; apenas ^{isto} provocar ao espectador uma experiência - estética)

Teoria do arte como Expressão

É sabido que muitas obras de arte desencadeiam em nós a chamada "emoção estética". Por si só, este aspecto pode parecer suficiente para pensarmos que a arte está ligada à expressão de emoções. Se, por um lado, a criação traduz o sentimento do artista, a contemplação da obra desencadeia emoção no espectador (nota: contemplação ≠ paixão)

Neste sentido, esta teoria defende que o valor da arte reside no prazer que ela proporciona e a sua natureza reside na expressão da emoção (os próprios artistas admitem que já sentiram emoção em contacto com determinadas obras). Podemos então dizer que esta teoria tem por tese que a arte expressa emoções.

Ela surgiu no século XIX (romantismo) e tem como principais defensores:

- Leo Tolstoi (1828 - 1910)
- Benedetto Croce (1866 - 1952)
- Robin George Collingwood (1889 - 1943)

teoria do arte como expressão de L. Tolstoi:

segundo este autor, a verdadeira arte:

- é um meio de os pessoas comunicarem e se relacionaremumas com as outras (meio de comunicação entre o artista e o espectador)
- é um meio de transmitir emoções, pelo que pressupõe que elas estejam presentes no artista. Exige-se também que haja clareza de expressão na transmissão de sentimentos e emoções (o artista tem que sentir algo no momento da criação → ponto de partida) sendo este o ponto de partida)

- Leva o espetador a experimentar sentimentos e emoções idênticos aqueles que o artista experimentou e que transmite na sua obra: une pessoas nos mesmos sentimentos e emoções (íterio de apreciação)
- Transmite a singularidade do sentimento do artista (trata-se de sentimentos individuais e não gerais ou coletivos), contagiando assim o receptor. Isso exige autenticidade e sinceridade por parte do artista (o artista é individual)

Conclusão: através da palavra (literatura), dos sons (música), do mármore (escultura), do movimento (dança, teatro), das cores (pintura), o artista corporiza as suas emoções, comunica vivências, experiências e o seu modo de ser e de sentir o mundo e a vida. Ao transmitir as suas emoções, o artista provoca idênticas emoções no público.

Objecções:

- esta teoria parece estabelecer à priori que a produção artística tem origem na experiência emocional, enquanto talvez existam outros fatores e outras condições causais que presidem à criação de obras de arte, sendo certo que alguns artistas, inclusive, negaram que a emoção comandasse os seus trabalhos criativos (por exemplo: o dinheiro);
- mesmo se se admitir que a emoção está na base da criação, o momento em que o artista cria a sua obra não coincide, em geral, com o estado emocional que a motivou;
- esta teoria parece admitir que a qualidade das obras decorre das condições emocionais que as originaram, quando afinal o mérito da obra assenta sobretudo na sua harmonia interna;
- Pode levantar-se a dúvida a respeito do conteúdo moral emocional de certas obras. Se a ópera e a poesia são exemplos de expressão emocional, já a arquitetura e muitas obras de pintura não parecem séias;
- terá a arte de suscitar todo o tipo de emoções, do pessimismo ao ciúme, do ódio ao desprezo? Apreciar e compreender uma obra que retrata o ódio racista não significa necessariamente sentir, enquanto espetador, essa emoção.
- A expressão artística, apesar de veicular emoções,

é uma expressão intencional e imediata, ao contrário do que acontece com a expressão habitual de emoções, que é sobretudo espontânea (as nossas emoções tendem a ser espontâneas, mas as do poeta não o são. O espetador não tem forma de saber se existe autenticidade nos sentimentos e emoções expressos pelo artista)

Teoria Formalista

da arte

(teoria da arte como forma)

dois críticos:

- Clive Bell
- Monroe Beardsley

Para Clive Bell, a emoção estética desprendida no espetador pelas verdadeiras obras de arte decorre de uma qualidade que tais obras possuem: a forma significante. É nesta ideia que assenta a teoria formalista da arte.

A referida qualidade, por sua vez, diz respeito à relação existente entre as partes (o que é sobretudo notório nas artes visuais, embora se aplique a qualquer outro tipo de artes: a harmonia dos sons, a combinação das cores, a estrutura do romance, a sequência das cenas, etc.)

A forma significante, em particular nas obras de arte visuais, acaba por ser uma combinação, em certas relações, de cores, linhas e formas. Isto significa que aquilo que é representado e o objetivo e/ou função com que a obra foi feita são irrelevantes para a apreciação da obra (o mais importante é a forma e não o conteúdo).

No entanto e em rigor, a forma significante é indefinível; ela pode, no entanto, ser reconhecida, de modo intuitivo, pelos críticos mais sensíveis.

Para concluir, a tese desta teoria é então: algo é arte se, e somente se, provoca emoção estética, sendo esta resultado da forma suficiente, reforço que esta tese é suficiente e necessária "se, e somente se".

Embora os defensores argumentem que ela permite explicar que uns sejam melhores críticos do que outros (pois intuem

mais facilmente a forma significante), existem objeções.

Objeções:

• (principal crítica): esta teoria parece apoiar-se num argumento circular, uma vez que refere que a emoção estética resulta de uma propriedade (a forma significante) destinada precisamente a desencadear essa emoção no espectador, a qual é diferente da emoção experimentada diante a beleza natural. Aquilo que se pretende explicar - a emoção estética sentida pelo espectador - faz parte da própria explicação: a emoção estética resulta de algo que provoca emoção estética e do qual nada mais se pode afirmar (falácia do petisco de princípio - círculo vicioso). A forma significante não se define (a não ser de uma forma muito básica: linhas, formas e cores).

• Esta teoria não pode ser refutada:

- se uma pessoa disser que não sente emoção estética perante uma obra de arte, os defensores da teoria dirão que essa pessoa está enganada, já que a obra desencadeia tal emoção. Mas isto equivale a pressupor o que se quer demonstrar, isto é, a existência de uma emoção estética na contemplação das verdadeiras obras de arte (então podem haver obras de arte que podem não desencadear emoção estética);

- se algum objeto o que chamamos "obra de arte" não desperta emoção estética ao crítico sensível, dir-se-á que esse objeto não constitui uma verdadeira obra de arte ora, nada existe que nos permita refutar uma perspectiva desse gênero, já que estamos no pleno domínio da subjetividade do crítico. Uma teoria que não pode ser refutada (visto ser sempre confirmada em qualquer situação) é, segundo vários filósofos, desprovida de significado.

(aspectos acessórios): • a emoção estética pode ser provocada por outros coisas (pôr do sol). Assim, a forma significante deixa de ser uma condição suficiente para algo ser considerado arte.

• Arte falsificada / original

pente num museu / pente em casa

• às vezes a obra depende do conteúdo e não apenas da forma

- quando dois críticos discordam, à partida um está errado, mas não há maneira de saber qual;

Teoria institucional da arte

Filósofo: George Dickie

considera que existem dois aspectos comuns a todas as obras de arte (no sentido classificatório e não valorativo):

- Todos os objetos de arte são artefactos, ou seja, são objetos que, de algum modo, tenha sido trabalhado ou modificado através da intervenção humana
- Todas as obras de arte possuem o estatuto de "obras de arte" porque lhes é conferido por pessoas (atribuído por alguém) que, estando ligadas à esfera artística, detêm autoridade suficiente para o fazer. Essas pessoas, mediante um ato de "batismo", transformam os objetos e artefactos em obras de arte, através de processos que vão desde a exibição, a representação e a publicação dessas obras de arte, até ao simples facto de lhes chamarem arte.

nota: o estatuto não é conferido ao artefacto no seu todo, mas apenas a um conjunto dos seus aspetos, pois há características do objeto que não são relevantes para o seu estatuto de obra de arte.

Assim, "ser um artefacto" é uma condição necessária (sem artefacto, não há obra de arte) para que algo seja considerado arte, embora não suficiente (caso contrário, todo o artefacto seria obra de arte). Só satisfazendo as condições de artefactualidade e de atribuição de estatuto é que algo pode ser considerado arte

Sendo uma concessão extremamente flexível em relação aquilo que pode ou não ser considerado "arte", esta teoria apresenta algumas virtudes, mas é também alvo de críticas

Objecções:

- esta teoria não permite distinguir a boa arte da má arte. dizer que apenas algo é "arte" é apenas

Levinson estava ciente deste problema, mas não o solucionou de forma convincente

classificá-lo como tal, sem avançar quaisquer apreciações valorativas a respeito do facto de essa obra ser má, boa ou indiferente.

- Trata-se de uma teoria circular, uma vez que "arte" é só aquilo que um grupo restrito decide considerar como tal → uma obra de arte é um artefacto a que o mundo das artes conferiu estatuto, sendo o mundo das artes um conjunto de pessoas com poder de conferir a um artefacto, estatuto de obra de arte.

- Esta teoria é elitista (acusada de elitismo) uma vez que é considerada apenas um grupo de privilegiados, formado pelos membros do mundo das artes, tem o poder de conferir o estatuto da obra de arte aos artefactos.

- A teoria rejeita a possibilidade de se falar numa arte primitiva (sem mundo das artes)

- (observada por Richard Waineim [1923-2003]), não devem haver razões para escolherem um artefacto e não outros. Se há razões, então só essas a fixar o que é arte e o que não é, tornando-se a teoria institucional inútil. Se não há razões, então a arte pode ser arbitrária, não possuindo propriamente interesse. Desta maneira, não existe uma organização suficiente nem procedimentos reconhecidos para conferir a algo estatuto de obra de arte, havendo, muitas vezes, grandes discordâncias quando se trata de o fazer.

Tendo ^{ab} reconhecido algumas imperfeições da sua teoria inicial, Dickie propôs uma definição mais elaborada de "arte", na qual relaciona os seguintes conceitos: "obra de arte", "artista", "público", "mundo das artes"; "Sistema do mundo da arte."

Mas estas definições acabaram por não adiantar muito no tocante ao problema de saber o que é arte, mas ajuda-nos a perceber melhor os aspectos associados à teoria institucional da arte, mostrando que a arte é inseparável de um contexto mais vasto - o mundo da arte - que envolve correntes, sistemas, movimentos, expressões artísticas diversas, os negociantes de arte, os artistas, os artefactos que estes produzem, assim como o público que os aprecia.

A teoria institucional chama-nos, assim, a atenção para o carácter decisivo do campo cultural (a arte é sempre um produto cultural)

Teoria Histórica

da arte

autores de referência: Jerrold Levinson

esta teoria tem como enquadramento geral: sublinhar que a arte é um fenômeno inteiramente dependente da sua história.

Levinson pretende dar uma definição de arte suficientemente ampla para englobar tudo o que seja considerado obra de arte. Essa definição é feita em com base nas propriedades não visíveis que todas as obras de arte partilham (teoria não essencialista), destacando e também tendo como tese as intenções de quem cria arte.

De acordo com esta perspectiva, as seguintes condições, que são suficientes e conjuntamente necessárias, para que algo seja considerado arte (dois argumentos para supor a tese):

- O direito de propriedade sobre o objeto - o objeto é nosso ou temos o direito de o usar como tal. Assim, o artista não pode transformar em arte qualquer coisa que queira.
- A intenção seria ou não passageira de que o objeto seja visto ou interpretado como uma obra de arte. Assim, as obras de arte têm um tipo especial de relação com práticas do presente e do passado, tanto de artistas como de observadores, sendo caracterizado pela historicidade, dai o nome teoria histórico-intencional (a arte vai ser feita não só com as intenções mas também da comparação histórica de obras de arte do passado).

objeções:

- é discutível que a condição do direito de propriedade seja uma condição necessária pois podemos, por exemplo, admitir que um artista pintou um quadro usando uma tela e tintas que não pagou mas devia ter pagado. (quase todos os artistas são pagos para realizar o seu trabalho)
- se abrindo a condição relativa à intenção também pode não ser necessária (artistas que não tiveram a intenção de que as suas obras fossem vistas como obras de arte, sendo que só depois a sua morte elas foram publicadas e consideradas como tal)
- levanta-se um problema ao considerar-se a primeira obra de arte a surgir no mundo. Esta não pode ser arte, por não haver anterior. Nesse caso, as obras seguintes também não podem ser.

Levinson estava ciente deste problema, mas não o solucionou de forma convincente

- esta teoria não responde à questão de saber o que muda num objeto propriamente dito quando este se transforma em "obra de arte", deixando por explicar o que uma obra de arte é em si mesma (problemas das teorias não essencialistas)

Conclusão

Para concluir, não devemos afastar a hipótese de a própria arte não poder ser definida, como defende Morris Weitz.

Este considera que a arte não pode ser definida pois não é possível estabelecer as condições necessárias e suficientes para que tal aconteça. É um erro procurar um denominador comum entre diferentes obras de arte. O conceito de "arte" é um conceito aberto o que se encontra em sintonia com a própria criatividade artística e com o surgimento de novas formas de arte.

Este autor em vez de admitir a existência de características comuns ou propriedades essenciais para definir "arte", privilegia então a ideia de **parecença familiar**, noção já utilizada por Ludwig Wittgenstein.

Objeções: • Se existe parecença familiar então **já há um denominador comum às obras de arte**, mesmo que isso possa não constituir um aspecto muito relevante.

non é fácil procurar uma definição consensual de "arte", nem sequer é consensual a ideia de que ela não pode ser definida. O assunto permanece **em aberto**.